

A INTERTEXTUALIDADE BÍBLICA EM A CASA DOS BUDAS DITOSOS

Denise Salim Santos (UERJ)

Samara da Conceição dos Santos Almeida (UERJ/UNIG)

RESUMO: Quando se fala no romance *A Casa dos Budas Ditosos*, de João Ubaldo Ribeiro (1999), a primeira coisa que vem à mente é a de que se trate, antes de mais nada, de um romance pornográfico. No entanto esse livro faz uma reflexão sobre o comportamento humano, e a presença de elementos religiosos em sua trama é muito significativa para a compreensão mais ampla das questões levantadas no decorrer da narrativa. Assim, o objetivo deste estudo é identificar as diversas passagens bíblicas que estão presentes no livro como estratégia intertextual que funciona na costura dos sentidos do texto. Esses elementos podem estar explícitos ou implícitos. Koch (2002, 2008) e Barros & Fiorin (2003), apoiados em Kristeva e Bakhtin, constituem as bases teóricas para análise dos possíveis diálogos e relações intertextuais no romance *A Casa dos Budas Ditosos*. A intertextualidade mostra a importância do conhecimento de mundo para maior compreensão do texto, uma vez que permite que o leitor penetre mais profundamente na construção do texto.

Palavras-chave: Texto; Intertextualidade; Discurso religioso; *A Casa dos Budas Ditosos*.

ABSTRACT: When we think of the novel *The House of the Fortunate Buddhas*, by João Ubaldo Ribeiro (1999), the first thing which comes to mind is that it is a pornographic novel. However, this book proposes a reflection on human behavior, and the presence of religious elements in its plot is very significant to a broader understanding of all the issues raised in the development of the narrative. Thus, the objective of this study is to identify the several biblical passages which function, in the book, as intertextual strategy, helping to interrelate and construe meanings in the text. Those elements may be implicit or explicit. Koch (2002, 2008) and Barros & Fiorin (2003), supported by Kristeva's and Bakhtin's theories, constitute the theoretical bases for the analysis of the possible dialogues and intertextual relationships in the novel *The House of the Fortunate Buddhas*. Intertextuality demonstrates the importance

of the world-based knowledge for better text understanding, since it allows the reader to go deeper into the layers of a text.

Keywords: *Text; Intertextuality; Religious discourse; A Casa dos Budas Ditosos.*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a intertextualidade bíblica presente na obra *A casa dos Budas Ditosos*, de João Ubaldo Ribeiro (1999), e mostrar a relevância desse recurso de textualidade na obra dita profana. O leitor menos atento pode não perceber dentro da sutileza das escolhas de João Ubaldo a banalização de alguns textos tidos como sagrados e a supervalorização de outros para este mesmo fim. Em vários trechos da obra percebemos que o uso de expressões originalmente sacras, que por estarem em um contexto diferente do habitual, repassam a ideia de certa ironia, sarcasmo ou banalização: “Pode parecer mentira, mas eu acredito muito em Deus. (...) Existe maior sádico, no melhor dos sentidos do que Deus? (...) Deus, Deus, Deus, eu acredito muito em Deus, acredito na Providência Divina” (p.87).

Dentro do pensamento religioso, Deus é sádico? Apesar de ser mantida a tradição linguística de registrar os elementos que se referem a Deus com letras maiúsculas, essa banalização mostra que, com o passar do tempo e com o uso frequente,

palavras que antes eram caracterizadas como religiosas escapam desse âmbito restrito e caem no uso comum. Neste artigo, pretendemos mostrar a presença da intertextualidade bíblica no texto de ficção e o efeito discursivo produzido ao utilizar essa estratégia sob a hipótese de verificar em que medida a intertextualidade implícita ou explícita presente no romance é fator relevante para sua compreensão.

O pecado da luxúria é o mote para o enredo do romance de João Ubaldo Ribeiro. Neste livro o autor retrata a história de uma mulher baiana que, aos 68 anos, resolve gravar fitas e deixá-las à porta do escritor para que ele relate as diversas experiências sexuais vividas pela anciã ao longo da vida. Com vocabulário pouco convencional e narrativa provocadora, João Ubaldo leva ao grande público o mais irrefreável dos pecados: a luxúria.

Os chamados pecados capitais são aqueles que, de certa forma, originam outros pecados: avareza, preguiça, ira, soberba, vaidade, gula e luxúria. Diversos autores utilizam estes pecados como ponto de partida para produzirem suas obras, pois além de ser um tema muito rico para escritores, também atrai o interesse de leitores.

De acordo com a religião católica, o pecado da luxúria é aquele relativo aos prazeres sexuais. Na Bíblia existem

inúmeras passagens condenando esse pecado. No Antigo Testamento Deus entrega a Moisés os dez mandamentos, que seriam as leis para o povo que saíra do Egito. No decálogo existem dois mandamentos que falam da luxúria: “Não cometa adultério” (Ex. 20:14); “Não cobice a mulher do seu próximo (...)” (Ex. 20:17).

Outro exemplo citado na Bíblia está no evangelho de São Mateus, em que Jesus Cristo retoma um dos mandamentos do decálogo: “Vocês ouviram o que foi dito: ‘Não cometa adultério’. Eu, porém, lhes digo: todo aquele que olha para uma mulher e deseja possuí-la, já cometeu adultério com ela no coração” (Mt. 5:27-28).

O apóstolo Paulo, em sua primeira carta aos Coríntios, dedica dois capítulos a falar sobre alguns atos que levam à luxúria. Vale ressaltar que, para os católicos, o corpo, principalmente daqueles que recebem o Sacramento da Comunhão, é sacrário vivo. Dessa forma, qualquer ato que corrompa esse templo é considerado imoral, impuro: “Ora, o corpo não é para a imoralidade e sim para o Senhor; e o Senhor é para o corpo” (1 Cor. 6:13b); “Fujam da imoralidade. Qualquer outro pecado que o homem comete, é exterior ao seu corpo; mas quem se entrega à imoralidade peca contra o seu próprio corpo. Ou vocês não sabem que o seu corpo é templo do Espírito Santo?” (1 Cor. 6:18-19a).

Aos Tessalonicenses, Paulo também enfatiza o respeito ao corpo: “A vontade de Deus é que vivam consagrados a ele, que se afastem da libertinagem, que cada um saiba usar o próprio corpo na santidade e no respeito” (1 Ts. 4:3-4); “Deus não nos chamou para a imoralidade, mas para a santidade” (1 Ts. 4:7).

Nessa perspectiva procuro observar a postura da personagem principal, no caso um narrador (a baiana de 68 anos) que utiliza durante toda a narrativa um discurso desdenhosamente irônico, contra os dogmas da Igreja Católica, não condizentes com sua formação religiosa, mas, ao longo da narrativa, a baiana, procurando de forma mais ou menos velada redenção para seus pecados, recorre à Sagrada Escritura como argumento para justificar seus atos: “O fato é que amantes, concubinas e por aí vai, são bastante contraditórias no Velho Testamento, todo mundo sabe disso (...)” (CBD, p.32).

Dessa forma a pesquisa visa reconhecer a relevância do recurso intertextual na obra *A Casa dos Budas Ditosos* (a partir de agora CBD), identificando passagens e referências bíblicas explícitas e implícitas ali presentes. No estudo realizado é possível considerar o contexto bíblico e sua complexidade como uma fonte constante de valores e fundamentos morais

nesse texto ubaldiano, a partir da intertextualidade, isto é, textos que dialogam entre si, interagem e estabelecem uma relação importante porque se influenciam e se complementam, auxiliando a construir sentidos e materializar a textualidade. A Bíblia torna-se, assim, um dos importantes pontos de partida para a construção de críticas sociais e afirmações ideológicas ali percebidas.

O TEXTO E A TEXTUALIDADE DO TEXTO

Levando em conta que a intertextualidade é o diálogo entre textos, fazem-se necessárias algumas considerações sobre o que seja texto e textualidade.

O texto, seja ele escrito ou oral, é caracterizado como uma unidade linguística comunicativa básica, semântica e formal resultante de escolhas e articulações do produtor. Para que exista um texto é necessário que haja comunicação pela produção do autor/locutor, consistindo assim em qualquer passagem falada ou escrita que constrói um significado, independente de sua extensão.

No uso das expressões “Socorro!” e “Papel” percebemos que na primeira situação existe comunicação e na segunda, a comunicação não foi estabelecida de imediato. Em “Socorro!”, o uso do ponto de exclamação (!) confere à palavra o significado de que alguém está em apuros e precisa de ajuda.

Já a palavra “papel” de forma isolada, não estabelece um processo comunicativo, porém, se em determinado setor de uma empresa, um funcionário que vá utilizar a fotocopadora percebe que a máquina está desabastecida de papéis e dirige-se a um colega dizendo “Papel!”, neste cenário a comunicação se estabelecerá, pois a palavra “papel” não foi utilizada de forma isolada, foi inserida em um contexto e pode estar significando: “Não posso realizar a tarefa porque não tem papel” ou “Por favor, alguém pode me trazer papel para colocar na impressora?”. Além disso, o sentido do texto não é único, ele admite várias leituras, mas não admite uma interpretação qualquer. Para que sua análise seja feita de forma correta é preciso perceber as pistas, os indícios deixados ao longo do texto por seu produtor.

Na segunda metade dos anos 1960, o texto foi visto como uma entidade abstrata; já na segunda metade da década de 1970 ocorreu a “virada pragmática”, segundo Koch (2008, p.11). Nesse período os fatores de natureza pragmática do texto, entre eles a intertextualidade, passaram a ser objetos de estudo da Linguística Textual. Diversos teóricos tomaram a intertextualidade como objeto de estudo. Portanto, texto é qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano, realizado através de um sistema de signos. Essa manifestação pode ocorrer por meio de variada gama de gêneros textuais.

Para que um texto seja bem compreendido durante sua avaliação é necessário considerar três aspectos: o pragmático (funcionamento do texto enquanto atuação informacional e comunicativa); o semântico conceitual (coerência); e o formal (a coesão).

Chama-se textualidade ao conjunto de características que fazem com que um texto seja de fato um texto e não um aglomerado de frases. Sete fatores são responsáveis pela textualidade de um texto: a coerência, a coesão, a intencionalidade, a informatividade, a aceitabilidade, a situacionalidade e a intertextualidade.

A coerência do texto deriva de sua lógica interna. Quando o conhecimento de mundo do leitor é compatível com o discurso apresentado no texto, ele é considerado coerente, deste modo percebe-se que o sentido é construído pela relação produtor-recebedor. A coesão é considerada a manifestação linguística da coerência. Responsável pela forma do texto é construída a partir de elementos lexicais e gramaticais. Estes elementos relacionam as sequências de frases e encadeamento de parágrafos em um texto. Ao construir um texto coeso, coerente, e que satisfaça uma determinada situação comunicativa o produtor utiliza o recurso da intencionalidade.

Ao receber um texto o leitor utiliza o outro fator de textualidade, que é a aceitabilidade. Este recurso equivale à expectativa do recebedor sobre aquele texto coeso e coerente. O leitor espera que o produtor do texto satisfaça suas vontades. Havendo uma sinergia entre produtor e leitor, o texto cumpriu seu papel e estabeleceu a comunicação. Somente com esta relação bilateral pode-se dizer que a compreensão do texto ocorrerá de maneira fácil e que o leitor será capaz de interagir com o produtor do texto, levantando hipóteses e sugerindo modificações, se o texto assim permitir.

A situacionalidade é responsável pelos elementos pertinentes e relevantes do texto quanto ao contexto em que se insere, adequando o texto à situação sociocomunicativa, levando em consideração, por exemplo, a quem o locutor está se dirigindo, em que circunstâncias, em que ambiente.

Outro fator importante no texto é o interesse do recebedor pelo material produzido. Este interesse varia de acordo com o grau de informatividade. Esse fator diz respeito à medida na qual as ocorrências de um texto são esperadas ou não, no plano conceitual e no formal.

INTERTEXTUALIDADE E SEUS TIPOS

“Qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de um outro texto” (Kristava,

Apud KOCH, 2008, p.14). Nosso conhecimento de mundo atua no nosso discurso e desta forma integra os textos que produzimos. Conclui-se que o texto só faz sentido a partir do momento em que há uma relação com um intertexto com o qual divide a responsabilidade de sentido. Bauman e Briggs (Apud KOCH, 2008, p.17) exemplificam a intertextualidade como o estabelecimento de relações que funcionam como unidade, limitação e ordem nos textos, constituindo uma maneira de percebê-los como unidades heterogêneas, abertas e dinâmicas.

Segundo Bakhtin, o texto só ganha vida em contato com outro texto e muitos textos só são entendidos quando relacionados a outros textos: “O texto só ganha vida em contato com outro texto (com contexto). Somente neste ponto de contato entre textos é que uma luz brilha, iluminando tanto o posterior, juntando dados textos a um diálogo” (Bakhtin, Apud KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008, p.16). Ou seja, a intertextualidade, é um dos fatores de textualidade e como tal participa, da produção e recepção de um texto, mas depende dos conhecimentos que se tenha de outros textos.

Bakhtin desenvolveu o conceito de dialogismo, com o qual defende que um discurso não se constrói sozinho, mas em vista

de outro. Ao chegar ao Ocidente, este pensamento causou interesse, porém foi simplificado e colocado em paralelo ao conceito de intertextualidade, que é mais vago que o conceito difundido por Bakhtin. Na década de 1960 a crítica literária francesa Julia Kristeva introduz o conceito de intertextualidade. A crítica encara cada texto como construtor de um intertexto numa sequenciação de textos escritos ou não.

Verón (*Apud* KOCH, 2008, p.15) considera três dimensões do princípio da intertextualidade: as operadoras produtoras de sentido são sempre intertextuais; o princípio de intertextualidade não se restringe a textos formais escritos; a intertextualidade se aprofunda a partir da participação de textos na construção do discurso.

Para Lopes (2003, p.76) a intertextualidade nasce da percepção da disjunção existente entre duas vozes que coexistem a cada instante dentro e fora das pessoas de uma mesma coletividade.

Segundo Fiorin (2003, p.29-30), a intertextualidade concerne ao processo de construção, reprodução ou transformação de sentido. É o processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo. A intertextualidade é composta por três processos: citação, alusão e estilização.

A citação confirma ou altera o sentido do texto citado: “Crescei e multiplicai-vos, disse Javé” (CBD, p.144); A alusão é uma figura de linguagem caracterizada pela menção rápida a algo ou alguém: “Uma vez vi no livro de Isaac Bashevis Singer em que ele se referia ao pecado de Onan de maneira correta” (CBD, p.32); quando um texto se baseia em outro complementando seu sentido, temos o conceito de estilização: “Crescei-vos, multiplicai-vos, disse Javé, porém não fodais” (CBD, p.144).

Com relação aos tipos de intertextualidade, quando é observada em um texto a presença de outro produzido anteriormente e que está inserido na memória social, ocorre a intertextualidade *strictu senso*, “(...) imagine um povo que achava palavrão dizer Deus e Jesus, tudo ligado ao puritanismo deles, usar Seu santo nome em vão, essas coisas” (CBD, p.42); “E você veja, sempre honrei Seu Santo Nome, embora nunca tenha aceitado o magistério da Igreja” (CBD, p.162); “Não pronuncie em vão o nome de Javé seu Deus, porque Javé não deixará sem castigo aquele que pronunciar o nome dele em vão” (Ex. 20:7).

Na intertextualidade explícita é feita uma menção à fonte do intertexto (citações). Nas passagens a seguir a narradora utiliza expressões originais do texto bíblico: “Crescei e

multiplicai-vos, disse Javé” (CBD, p.144); “E Deus os abençoou e lhes disse: ‘Crescei e multiplicai-vos’” (Gn. 1:28).

A intertextualidade implícita ocorre quando no texto há presença de outro texto e nenhuma referência explícita à fonte. A utilização deste recurso pelo produtor do texto pode pressupor que o leitor seja capaz de identificar o texto-fonte e busque as relações entre eles em sua memória discursiva.

Naturalmente, o uso de intertextualidade implícita traz à tona outra forma de captação de ideias que é o plágio. No uso deste recurso, o produtor do texto espera que o leitor não estabeleça relação entre o texto produzido e o texto-fonte: “O homem não pode gozar fora, não pode cometer o pecado de Onan, que, como você sabe, não foi se masturbar, mas ejacular no chão, em vez de emprenhar devidamente sua cunhada viúva (...)” (CBD, p.31-32).

Nesse exemplo o autor faz referência ao texto bíblico presente em Gênesis em que o irmão deveria tomar por esposa a cunhada viúva, porém ele não queria dar descendência ao irmão morto e todas as vezes que tinha relação sexual com a cunhada, ele não ejacularava dentro da mulher: “Onã, porém, sabia que a descendência não seria sua e, cada vez que se unia à mulher de seu irmão, derramava o sêmen por terra, para não dar descendência ao irmão” (Gn. 38:9).

De acordo com Gréisillon e Maingueneau (*Apud* KOCH, 2008, p.45) o *détournement*, outra maneira de se estabelecer a intertextualidade, é capaz de levar o interlocutor a perceber a sátira, a refletir, a argumentar ou adaptar os enunciados a partir da ativação do enunciado original e construir novos sentidos:

O Cristo não soube dizer o que era a verdade diante do Império Romano porque Ele próprio teve que mentir desde que aprendeu a falar (...). Do contrário, nem teria chegado à idade da razão, quanto mais aos 33 que dizem que Ele viveu, querendo nos ensinar uma maneira de ser impossível de assumir. **A quem tem, será dado; de quem não tem, será tirado! Expulsai os vendilhões do templo a chibatadas, ofereci a outra face para a bofetada! Crescei e multiplicai-vos, disse Javé, porém não fodais.** (CBD, p.144 - grifo nosso)

Ao retornar às parábolas de Jesus Cristo no romance, o autor satiriza a postura de Jesus Cristo, que ensinava aos discípulos, mas que provavelmente não praticava os próprios ensinamentos. Portanto, seguir os passos do Messias, de acordo com o autor, é quase impossível: “E Deus os abençoou e lhes disse: ‘Sejam fecundos, multipliquem-se (...)’” (Gn. 1:28). Ao fim da citação o autor retoma uma das ordens dadas por Javé no Antigo Testamento aos homens

ironizando-a, pois Javé diz que os homens devem ser fecundos e se multiplicarem, mas que não devem praticar o sexo por prazer, “Pois, a quem tem, será dado ainda mais, será dado em abundância; mas daquele que não tem, será tirado até o pouco que tem” (Mt. 13:12); “A Páscoa dos judeus estava próxima, e Jesus subiu para Jerusalém. No Templo, Jesus encontrou vendedores de bois, ovelhas e pombas, e os cambistas sentados. Então fez um chicote de cordas e expulsou todos do Templo junto com ovelhas e os bois (...)” (Jo. 2:13-15a); “Se alguém lhe dá um tapa numa face, ofereça também a outra (...)” (Lc. 6:29a).

Segundo Koch, o conceito de intertextualidade é mais amplo que o conceito de polifonia e “encena” no interior do discurso do locutor pontos de vista de enunciadores diferentes. Ducrot (*Apud* KOCH, 2008, p.79) acredita que a polifonia é constante no discurso e dá ao produtor do texto a possibilidade de criar situações sem assumir a responsabilidade, atribuindo-a a um outro enunciador, como ocorre na citação de Padre Vitorino durante as aulas de catecismo que ela frequentava durante a infância:

Domingo, e o nome dele era Domingos. Rodei os olhos por aquelas paredes apareceu na minha cabeça padre Vitorino na aula de catecismo, dizendo que domingo queria dizer o dia do Senhor,

*dominus vobiscum et cum spiritum tuum
introibo ad altare Dei ite missa est (...).
(p.28-29)*

O PROFANO E O SAGRADO NO JOGO INTERTEXTUAL

Quem lê a obra *A Casa dos Budas Ditosos*, de João Ubaldo Ribeiro, pode não perceber a relação dialética que existe entre o sagrado e o profano. Mesmo tendo a luxúria como mote, a obra nos coloca a visão de uma mulher que chega à velhice com uma doença terminal e que jamais vê suas atitudes como fruto de atos pecaminosos e sim como realização dos “ensinamentos de Deus”. O sagrado e o profano fazem parte da alma do homem, não existe alguém que seja totalmente santo ou que seja totalmente pecador.

Entende-se sagrado como algo detentor de uma certa força que vai além da razão humana e está ligado a Deus. Diferentes povos e culturas interpretam à sua maneira o sagrado, mas convergem a um mesmo “Senhor” independente da nomenclatura que se dê. Opondo-se a esta visão de santidade temos o profano, que remete à esfera do mal, do impuro, onde o homem transgride os ensinamentos divinos sem problema algum.

Atualmente os termos sagrado e profano não têm a mesma dimensão que teriam nas décadas de 1950 e 1960,

por isso pode ser que muitos temas abordados no livro, e que eram tabus à época, não sejam mais encarados desta forma. Em algum momento da vida o ser humano passa por alguma experiência que foge ao mundo da razão e é atribuída ao *Sagrado*. Segundo o Catecismo da Igreja Católica, “O sentido do sagrado faz parte do âmbito da religião”. Galimberti (*Apud* SILVA, 2013, p.12) aponta que o sagrado significa separado, e religião, que vem do latim *relegere*, significa religar. Segundo Eliade (*Apud* SILVA, 2013, p.13), “o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história”. Desta forma o que é sagrado para uma pessoa pode não o ser para outra.

Atividades corriqueiras como alimentação, trabalho e sexualidade já foram vistas na antiguidade como sagradas. Esta visão unificava sagrado e profano na instituição dos sacramentos pela igreja católica. Otto (*Apud* SILVA, 2013, p.29) esclarece que “o sagrado é, antes de mais, uma categoria de interpretação e de avaliação e, como tal, só existe no domínio religioso”.

Comumente o sentido dos termos sagrado e profano são confundidos com o sentido moral e espiritual, pois estes conceitos estão arraigados no ser humano. Ao se afastar

da santidade o ser humano se aproxima do profano. A protagonista da obra, por exemplo, foi criada na religião católica, mas decidiu durante um tempo de sua vida “abandonar” as doutrinações religiosas e “cair nos braços” do pecado; porém a baiana diz que não é pecadora, pois só fez durante a sua vida aquilo para o que fora “criada” pelo próprio Deus, e pecador é aquele que não faz o que deve.

A Bíblia é muito conhecida como um livro de orientação e conversão de fiéis. O que muitos não percebem é que este livro milenar é usado como objeto de manipulação em mãos que desejam “enganar” fiéis por intermédio da fé. É o livro mais lido no mundo, com 73 livros para os católicos e 66 para os protestantes, é dividida em dois testamentos: Antigo (46 livros) e Novo (27), norteando e servindo de manual para os cristãos de todo o mundo. A sua interpretação, porém, é alvo de críticas e ambiguidades. Em *A Casa dos Budas Ditosos*, a narradora coloca em xeque o uso da Bíblia pelos líderes religiosos, afirmando que eles utilizam apenas os ensinamentos que mais os convêm, “O magistério da Igreja me enerva. Prefiro eu mesma ler a Bíblia e pensar do que leio o que me parece certo pensar, quero eu mesma me inteirar das boas novas, sem nenhum padre de voz de tenorino gripado me ensinando incoerências (...)” (p.14).

De acordo com a Bíblia, Deus não faz distinção de pessoas, ele ama a todos da mesma maneira: “Haverá tribulação e angústia para todo aquele que pratica o mal, primeiro para o judeu, depois para o grego. Mas haverá glória, honra e paz para todo aquele que pratica o bem, primeiro para o judeu, depois para o grego. Pois Deus não faz distinção de pessoas” (Rm. 2:9-11).

Em suas parábolas, Jesus Cristo deixa como ensinamento aos seus apóstolos dois mandamentos que se tornaram base para a fé cristã: “Ame ao Senhor seu Deus com todo coração, com toda sua alma, com todo seu entendimento e com toda sua força. O segundo mandamento é este: ‘Ame ao seu próximo como a si mesmo. Não existe outro mandamento mais importante do que esses dois’” (Mc. 12:30-31).

Tomemos, por exemplo, o caso da homossexualidade. Deus não condena a homossexualidade como gênero. O que é visto na Bíblia, que é o “Livro de Deus”, é a condenação da prática homossexual. “O homem que se deita com outro homem, como se fosse mulher, está cometendo uma abominação. Os dois serão réus de morte, e o sangue deles cairá sobre eles mesmos” (Lv. 20:13). Os líderes religiosos utilizam a citação bíblica para condenar os homossexuais. No entanto, eles não enfatizam outras práticas também

condenadas pela Bíblia. Utilizando em seus sermões o que lhes convém propagar aos fiéis. Por exemplo: “Não cortem as pontas dos cabelos em redondo e não aparem a barba” (Lv. 19:27); “Considerem impuro o porco, pois, apesar de ter o casco fendido, partido em duas unhas, não ruma. Não comam a carne desses animais, nem toque o cadáver deles, porque são impuros” (Lv. 11:7-8).

Se alguns preceitos religiosos são abraçados por todas as religiões, outros, no entanto acabam por refletir a cultura dos povos em que esta ou aquela religião se firmou.

Com alguns exemplos da Bíblia, pode-se notar a segregação de pecados feita por padres e pastores em seus sermões. Como conhecedora das Sagradas Escrituras, a narradora expõe em diversas partes do texto que não confia nos líderes religiosos que estão à frente das igrejas cristãs.

O livro do Levítico é o terceiro livro da Bíblia. Recebeu este nome por ser um livro legislativo. Entre os capítulos 17 e 26 existem várias leis que servirão como código de conduta para o povo. O que a narradora questiona é que os líderes da Igreja Católica repassam para os fiéis apenas as questões que tratam da questão sexual e que “deixam de lado” a postura que se espera dos sacerdotes:

(...) Prefiro eu mesma ler a Bíblia e pensar do que leio o que me parece

certo pensar, quero eu mesma me inteirar das Boas Novas, sem nenhum padre de voz de tenorino gripado me ensinado incoerências, subestimando minha inteligência e repetindo baboseiras inventadas, semelhantes à desfaçatez de afirmar que no Pentateuco há mandamentos como guardar a castidade, (...) já li a Bíblia de cabo a rabo e nunca vi nada disso nela [...]. E por que também não observam o que também está lá, no Levítico? Fingem que não está. (CBD, p.14-15)

A confissão é um dos sete sacramentos instituídos pela Igreja Católica. De acordo com o catecismo da Igreja Católica todo cristão católico deve se confessar no mínimo uma vez por ano, “Ouvido de aluguel sempre teve um grande mercado, a Igreja tem sacadas geniais, a confissão auricular foi uma delas” (CBD, p.143); “Aquele que esconde os seus crimes não será purificado; aquele, ao contrário, que se confessar e deixar seus crimes, alcançará a misericórdia” (Prov. 38:13); “Não vos demoreis no erro dos ímpios, mas confessai-vos antes de morrer” (Ecl. 17:26).

No Novo Testamento também encontramos exemplos sobre o sacramento da confissão. A confissão é uma espécie de ressurreição espiritual do pecador.

Jesus disse de novo para eles: ‘A paz esteja convosco. Assim como meu Pai

me enviou, eu vos envio vocês’. Tendo falado isso soprou sobre eles, dizendo: ‘Recebam o Espírito Santo. Os pecados daqueles que vocês perdoarem, serão perdoados. Os pecados daqueles que vocês não perdoarem, não serão perdoados’. (Jo. 20:21-23)

Ciente da condição de sua saúde, a narradora arremata o livro dizendo ser uma enviada de Deus e que tudo que fez durante sua vida foi aquilo que o próprio Senhor ordenou: “Pode parecer mentira, mas eu acredito muito em Deus, foi Ele Quem fez tudo, louvado seja Deus” (CBD, p.87); “Eu já falei muito em Deus aqui, fica difícil dizer que alguém acredita tanto em Deus e fala tanto em sacanagem” (CBD, p.161); “Não sou profeta, muito menos o Messias, mas sou a voz d’Ele como na teofania de Jó” (CBD, p.161); “Quero acreditar, mas não posso ter certeza, não se pode ter certeza de nada, que Deus me terá em sua Glória e sei que Ele agora está rindo” (CBD, p.163).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intertextualidade estabelece um diálogo significativo entre a Bíblia Sagrada e o romance *A Casa dos Budas Ditosos*. De fato, contribui para a identificação da maneira como o autor vê a manipulação dos preceitos religiosos pela igreja. Daí observar-se também que as passagens que constroem

a intertextualidade não são aleatórias, pois o escritor João Ubaldo Ribeiro é conhecedor profundo do texto original. Cada passagem tem um importante significado para a compreensão da obra e o momento vivido pelas personagens.

A exploração do discurso bíblico não é incomum nas obras de João Ubaldo Ribeiro. A presença da religiosidade nesse e em outros de seus textos de ficção ora compõe uma intertextualidade explícita, trazendo à narração as vozes de seus autores, ora de maneira implícita, exigindo do leitor maior esforço para que, reconhecendo a implicitude, possa do texto primeiro retirar as inferências de que necessita para fechar, construir sentidos. O leitor não familiarizado com o texto bíblico não capta os inúmeros casos de intertextualidade presentes no texto e com isso deixa escapar sentidos importantes para o conjunto da obra.

O jogo intertextual é facilmente identificado, a partir das passagens bíblicas utilizadas pelo autor para ilustrar a narrativa da protagonista. A intertextualidade é relevante para o entendimento do romance, visto que o autor consegue, a partir desse recurso, comprovar a teoria da narradora de que a Bíblia é utilizada da maneira que melhor convém aos líderes religiosos.

Conforme salientado por Fiorin (2003), o autor utiliza a intertextualidade na construção do seu texto como processo

de transformação de sentido. A partir do conceito de Kristeva, a intertextualidade é fundamentada e percebida, visto que os textos dialogam entre si, interagem e estabelecem uma relação importante em que se influenciam e se complementam.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, José Carlos de. *O texto e o intertexto*. In http://www.uninet.com.br/niteroi/nmop_016.htm. Acesso em 06.Mar.2002.

AZEVEDO, Reinaldo (2007). *O Politeísmo de um Deus só*. Revista Veja, 28.Fev.2007. In www.vejaabril.com.br/acervodigital/home.aspx. Acesso em 03.Jun.2015.

BÍBLIA. Português (2001). Bíblia Sagrada. Ivo Storniolo; Euclides Martins; José Luiz Gonzaga do Prado (Trad.). Edição Pastoral. São Paulo: Paulus.

CATECISMO da Igreja Católica. In www.catequisar.com.br/dw/catecismo.pdf. Acesso em 07.Mar.2016.

FIORIN, José Luiz; BARROS, Diana Luz (2003). *Dialogismo, polifonia e intertextualidade: Em torno de Bakhtin*. (Reimp) 2.ed. São Paulo.

KOCH, Ingedore G. Villaçã; BENTES, Ana Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães (2008). *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez.

_____. (2002). *Linguística textual: uma introdução*. 6.ed. SP: Cortez.

LOPES, Edward (2003). "Discurso Literário e Dialogismo em Bakhtin". In: FIORIN, José Luiz; BARROS, Diana Luz. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. (Reimp) 2.ed. São Paulo.

RIBEIRO, João Ubaldo (1999). *A Casa dos Budas Ditosos*. Rio de Janeiro: Objetiva.

SILVA, Alcione Carvalho da (2013). *O sagrado e o profano na autonomia do homem moderno*. Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática 144 f.) – Faculdade de Teologia, PUC-RS. Porto Alegre. In http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4857. Acesso em 07.Mar.2016.

Denise Salim Santos atua no Programa de Pós-graduação da UERJ, Mestrado de Língua Portuguesa, Especialização em Língua Portuguesa e em turmas de graduação. Membro integrante do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL. Publicação: "Língua Portuguesa, descrição e ensino: diálogos" (org.) 2012. E-mail: d.salim@globo.com.

Samara da Conceição dos Santos Almeida é Especialista em Língua Portuguesa (UERJ, 2015). Graduada em Letras (UNIG) e atua como professora do Ensino Fundamental no Município de Nova Iguaçu (RJ).

Recebido em 03 de setembro de 2016.

Aprovado em 01 de outubro de 2016.